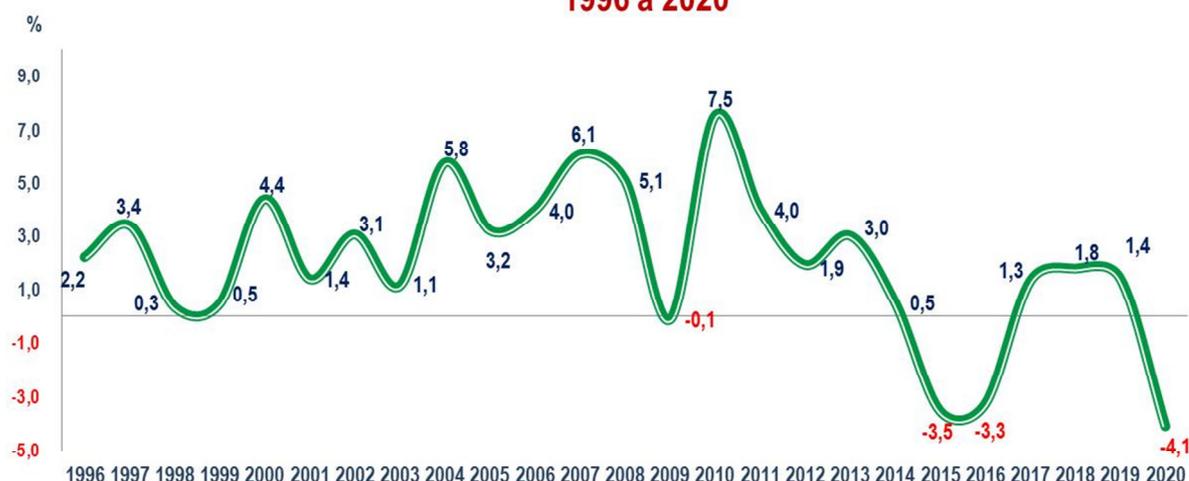


## **PIB Brasil caiu 4,1% em 2020 e registrou o pior resultado da série histórica atual**

Como já era esperado, a economia brasileira interrompeu a sequência de três anos consecutivos de crescimento e encerrou 2020 com forte retração. Conforme os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do País registrou queda de 4,1% no ano passado. Este foi o maior recuo observado desde o início da atual série histórica do PIB Trimestral, iniciada em 1996. A pandemia provocada pela COVID-19, que levou não somente o Brasil, mas todo o mundo, a uma grave crise sanitária, proporcionou sérios desdobramentos na saúde pública e levou a economia nacional a enfrentar um dos seus mais sérios desafios. A crise se alastrou por quase todos os segmentos de atividade. Em valores correntes, o PIB Brasil em 2020 foi de R\$ 7,4 trilhões.

### **Evolução da variação % anual do PIB Total do Brasil 1996 a 2020**

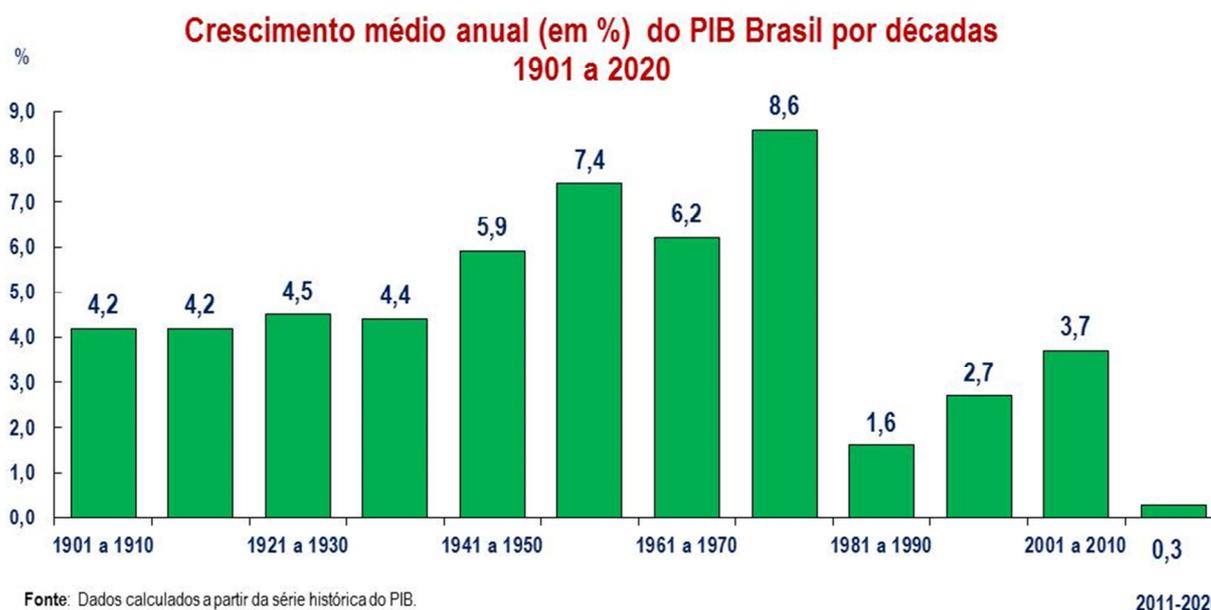


Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 4º Trimestre de 2020, IBGE.

Apesar de intensa, a retração ficou inferior a que foi inicialmente projetada. O Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, estimou, em junho de 2020, queda de 9,1% para a economia nacional. A última projeção feita pelo referido organismo, em janeiro/21, estimou recuo de 4,5%. Já o Banco Central, em seu Relatório de Inflação, divulgado em dezembro/2020, estimou contração de 4,4% para a economia brasileira. Assim, o resultado do PIB foi melhor do que o esperado. Neste contexto, é importante ressaltar as medidas implementadas para aliviar os efeitos econômicos da pandemia. O Auxílio Emergencial e o Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda

(BEm) são alguns exemplos que exerceram influência positiva e impediram uma queda ainda pior do PIB do País .

Os últimos 10 anos foram difíceis para o Brasil e o resultado de 2020 contribuiu para a década de 2011-2020 ser a pior dos últimos 120 anos. Nesta década, o crescimento médio da economia brasileira foi de 0,3% ao ano, o que representa praticamente uma estabilidade. Quando se analisa todas as séries do PIB verifica-se que este período foi pior do que a chamada década perdida (1981-1990), quando a economia nacional cresceu, em média, 1,6% ao ano e foi caracterizada por fatores como o descontrole total da inflação.



Depois da alta de 7,7% no 3º trimestre de 2020, nos últimos três meses do ano o PIB Brasil registrou incremento de 3,2%. A redução do auxílio emergencial e a piora da pandemia ajudam a justificar a desaceleração do crescimento nos últimos meses do ano. De toda forma, os números do segundo semestre foram positivos e contribuíram para evitar uma recuo ainda maior do PIB. Entretanto, a economia brasileira não retornou ao patamar pré-crise. Ela ainda está 1,24% abaixo do resultado final de 2020 e também está distante 4,37% do auge das suas atividades, alcançado no início de 2014.

**Evolução do PIB Brasil**  
**Índice Trimestral - Série com Ajuste Sazonal**

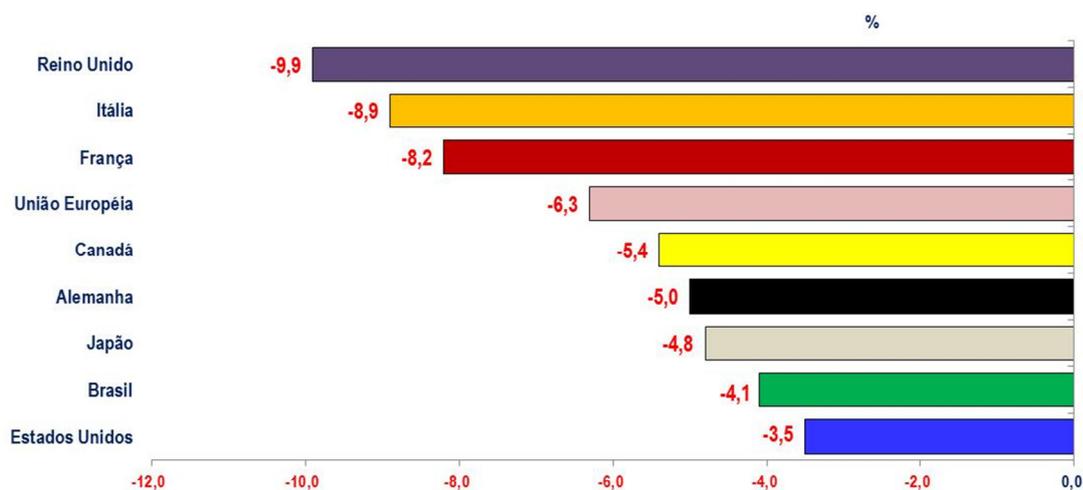


Fonte: CNT- 4º Trimestre de 2020, IBGE.

Índice: Média 1995 = 100

Dados divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), demonstram que o PIB da Alemanha, em 2020, apresentou queda de 5%, da Espanha -11% e do Reino Unido -9,9%. Portanto, o resultado apresentado pelo Brasil foi melhor do que o registrado por outros países. Recentemente o FMI estimou retração de 3,5% para a economia mundial em 2020.

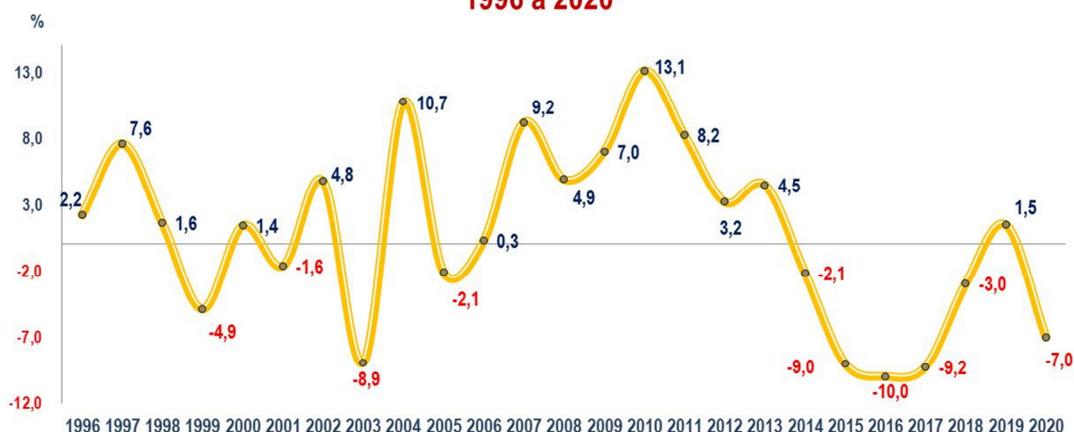
**Variação % do PIB em 2020 em algumas economias**



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico/ Fevereiro/2021. PIB Brasil - Fonte: IBGE

A Análise dos grandes setores de atividade demonstra que somente a Agropecuária apresentou resultados positivos em 2020: 2%. A Indústria recuou 3,5% e os Serviços -4,5%. Particularmente a Construção Civil registrou retração de 7%, o que correspondeu ao seu pior resultado desde 2017, quando recuou 9,2%. Cabe destacar que o PIB do setor, divulgado pelas Contas Trimestrais do IBGE, é calculado por meio de algumas informações mais restritas, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-contínua) que envolve o mercado de trabalho formal e informal. Quando os resultados efetivos das empresas forem incorporados, na divulgação das Contas Nacionais Anuais, este número poderá ser revisto para uma retração menos

### **Evolução da variação % do PIB da Construção Civil no Brasil 1996 a 2020**



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 4º Trimestre de 2020, IBGE.

intensa.

Neste contexto, é importante ressaltar que os dados do CAGED, divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, do Ministério da Economia, demonstraram que a Construção Civil encerrou 2020 com a geração de mais de 112 mil novos postos de trabalho com carteira assinada. A Construção, inclusive, foi o segmento com maior geração de novas vagas formais no País naquele ano. Já a PNAD Contínua, que envolve não somente o segmento formal, mas também o informal, demonstrou uma queda de 802 mil ocupações no setor. Isso significa que no final de 2019 o número de ocupados na Construção, conforme a PNAD Contínua, era de 6,820 milhões e no final de 2020 caiu para 6,018 milhões.

**Evolução dos saldos de vagas geradas na Construção Civil no Brasil  
Janeiro a Dezembro de cada ano (2012 a 2020)**

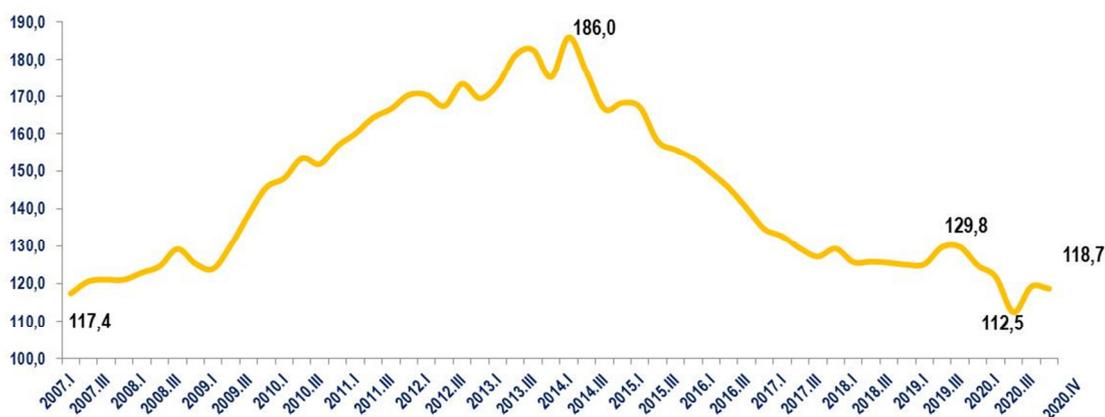


Fonte: Dados de 2012 a 2019 - Caged e dados 2020 - Novo Caged, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho/Ministério da Economia.  
Obs.: Saldos ajustados.

Também é importante ressaltar que o PIB da Construção não envolve somente o mercado imobiliário e as obras de infraestrutura. Alcança, também, pequenas obras e reformas. Portanto, o setor abrange a construção de casas, edifícios residenciais, não residenciais, obras de rodovias, pontes, viadutos, obras de saneamento, reformas, etc. Conforme o IBGE foi o segmento de infraestrutura e a queda nas ocupações do setor que puxaram o resultado da Construção para baixo.

As atividades da Construção estão 4,91% abaixo do patamar pré-crise (final de 2019). Estão, ainda, 36,17% inferiores ao auge alcançado no início de 2014.

**Evolução do PIB da Construção Civil  
Índice Trimestral - Série com ajuste sazonal**



Fonte: CNT- 4º Trimestre de 2020, IBGE.

Índice: Média 1995 = 100

Cabe ressaltar a importância socioeconômica da Construção para o País. O setor gera impactos positivos, inclusive, no período pós-obra. Estudo recente divulgado pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) demonstra que cada real investido na produção de moradia gerará mais R\$ 0,36 de gastos na fase seguinte (pós-obra). Isso contribui para adicionar R\$ 0,16 ao PIB da economia e R\$ 0,08 de tributos. Em relação ao pessoal ocupado, a relação é de 3,31 para cada R\$ 1 milhão investido na produção de habitação.

### Multiplicadores dos gastos pós-obras (diretos, indiretos e induzidos)

SETOR	PRODUÇÃO	VALOR ADICIONADO	ARRECAÇÃO TRIBUTOS	PESSOAL OCUPADO (TOTAL) **
Construção	0,09	0,04	0,02	0,63
Cama, mesa e banho	0,01	0,01	0,00	0,15
Confecção de acessórios	0,04	0,02	0,01	0,69
Produtos de madeira	0,04	0,02	0,01	0,39
Eletrônicos	0,03	0,01	0,01	0,14
Instalações elétricas	0,04	0,01	0,01	0,22
Mobiliário	0,08	0,04	0,02	0,75
Outros serviços*	0,04	0,02	0,01	0,34
<b>TOTAL</b>	<b>0,36</b>	<b>0,16</b>	<b>0,08</b>	<b>3,31</b>

\* Não inclui gastos com despachantes, cartórios nem pagamento de tributos.

\*\* Empregos gerados para cada R\$ 1 milhão investido.

Fonte: Estudo "Pós-obra: geração de renda e emprego na economia/CBIC.

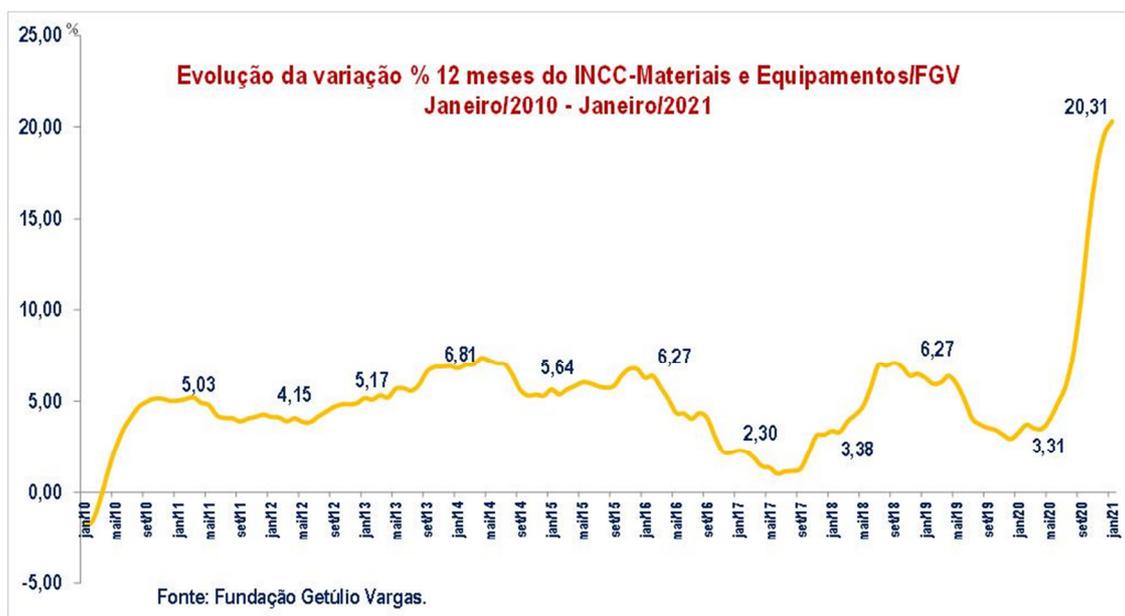
As expectativas de recuperação da economia e o início do processo de vacinação trouxeram perspectivas positivas nos primeiros dias de 2021. Entretanto, o avanço mais forte da pandemia, com o retorno de *lockdown* em vários estados, o fim do auxílio emergencial, a vacinação contra a COVID ainda em processo lento e a inflação mais elevada alteraram o rumo das estimativas. Projeções de mercado e de diversas consultorias já sinalizam queda do PIB no 1º trimestre/2021. Também já está sendo considerada uma possível volta da recessão técnica no primeiro semestre deste ano.

As estimativas mais positivas para a economia passam por um maior controle da pandemia, pela aprovação das reformas estruturais (administrativa e tributária) e pelo retorno mais forte da confiança de empresários e consumidores. A Pesquisa Focus, realizada pelo Banco Central com analistas do mercado financeiro, realizada em 15 de janeiro, projetava expansão de 3,45% para o PIB Brasil em 2021. Esta expectativa foi alterada para 3,29% na última pesquisa (26/02/21). Já as projeções do FMI para 2021

indicam crescimento de 3,6% para o Brasil. Para a economia mundial projeta-se alta de 5,5%.

A Construção Civil também iniciou 2021 com projeções otimistas. As estimativas iniciais sinalizavam possibilidade de incremento de 4% em suas atividades em função de diversas razões. O baixo patamar da taxa de juros, o incremento do financiamento imobiliário, o aumento nas vendas de apartamentos novos e o baixo volume de imóveis disponíveis para comercialização são algumas delas. Mas o mês de março se iniciou e os desafios mais intensos observados no final de 2020 persistem. O desabastecimento e a elevação dos preços dos insumos seguem atuando como fator limitador do avanço das atividades no setor. A variação do Índice Nacional de Custos da Construção (INCC) – Máquinas e Equipamentos, por exemplo, acumulou aumento de 20,31% nos últimos 12 meses encerrados em janeiro/21. Esta foi a maior elevação registrada pelo indicador, em um período de 12 meses encerrados em janeiro, desde o início da série, em 1996.

O incremento nos preços dos insumos e a demora da entrega de diversos produtos prejudica o lançamento de novos projetos. Estes fatores e o cenário de incertezas em relação a economia nacional podem levar a uma revisão das expectativas. A persistir este ambiente, o aguardado desempenho mais positivo da Construção pode ficar comprometido.

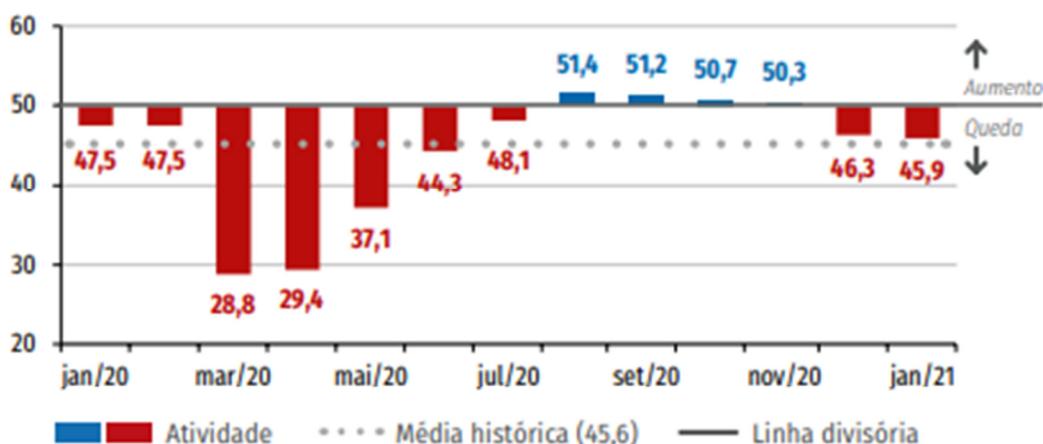


Conforme a Sondagem Nacional da Indústria da Construção, realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), com o apoio da CBIC, o nível de atividade da Construção recuou em janeiro de 2021, após a retomada que caracterizou o segundo

semestre de 2020. O índice de evolução do nível de atividade ficou em 45,9 pontos em janeiro de 2021. Por estar abaixo da linha divisória de 50 pontos, ele indica redução da atividade do setor. Na comparação com dezembro de 2020 o índice registra queda de 0,4 ponto. Na comparação com janeiro de 2020, a queda é de 1,6 ponto.

### Evolução do nível de atividade

Índices de difusão (0 a 100 pontos)\*



Apesar disso, os empresários da Construção acreditam numa melhora do cenário. Em fevereiro de 2021, o índice de Confiança do Empresário da Indústria da Construção, também calculado pela CNI, com o apoio da CBIC, subiu 0,8 ponto, para 57,7 pontos. O índice permanece acima da linha divisória de 50 pontos e acima de sua média histórica, de 53,7 pontos, o que revela que os empresários do setor seguem confiantes. Na comparação com fevereiro de 2020, contudo, o referido indicador recuou 5,2 pontos. Esta confiança está relacionada às expectativas. O empresário do setor ainda está otimista em relação à economia brasileira.

Sempre é bom lembrar a importância da Construção Civil, não somente no campo econômico, mas especialmente no aspecto social, pois é grande geradora de empregos. O País precisa do setor para alcançar um crescimento sustentado. E, especialmente neste momento tão difícil, não se pode abrir mão de um segmento que possui uma extensa cadeia produtiva e distribui emprego e renda por toda a economia.